

# A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA DE CORDEL

Autoras: Rafaela Mayara B. Costa \*

Hortência Lianna da Silva

Iona Batista Felix

## RESUMO

Este artigo, intitulado A representação do negro na literatura de cordel, trabalhará o imaginário do preconceito racial contra o negro e como este é representado pelo poeta nos folhetos de cordel. Como o preconceito racial, hoje, é um crime inafiançável, observar-se-á a diacronia do preconceito no cordel, que ora se manifesta apenas de modo implícito. A pesquisa é de natureza qualitativa, foram selecionados como corpus de análise 10 folhetos da literatura de cordel que mencionam o imaginário do preconceito contra o negro, buscando através de uma perspectiva interdisciplinar, destacar o racismo contra o negro sintonizado com a ideologia dos poetas. O método, em evidência, será o crítico/histórico, discutindo os elementos sócio-históricos e lingüístico-culturais que permeiam o desenvolvimento do preconceito racial contra o negro.

**Palavras-chave:** Literatura de cordel; preconceito; negro.

## Introdução

O estudo da literatura de cordel é instigante e complexo e permite discutir sob vários ângulos o passado (memória) e o presente (informação), apontando para um devir, em sintonia com uma fase de transição que abre caminhos para instalar o novo, desconstruindo, sob alguns aspectos, a tradição já arraigada, de uma cultura que, estabelecida no passado, se diversifica em busca de novos caminhos.

Os folhetos de cordel encontram-se em um universo permeado pela cultura popular. Cultura, esta, representada em todas as produções históricas de um povo, sejam elas escritas ou orais. A literatura de cordel, através da convivência dos poetas com uma gama de multiplicidade cultural, apresenta marcas identitárias e variadas formas de vida nos seus versos, em que estão inclusos elementos da ética, da cidadania, da memória cultural.

Essa pesquisa objetiva trabalhar o imaginário do preconceito racial contra o negro, como este se apresenta na literatura de cordel, sob pontos de vista diferenciados.

Faz-se necessário mostrar como o poeta de cordel se manifesta em relação ao preconceito racial, uma vez que a participação deste, está comprometida com a realidade “com o sentimento da sua dignidade moral, o poeta popular está plenamente no seu papel quando censura a devassidão do seu tempo” (CANTEL,1984, p.285).

---

\* Universidade Estadual da Paraíba / CNPq

A visão do poeta popular, por este ser considerado um representante das camadas populares mais humildes, contribui para o desenvolvimento ou minimização do preconceito racial, dependendo da forma como aborda a questão étnico-racial nos folhetos.

A natureza da pesquisa é qualitativa. Foram selecionados como corpus de análise folhetos da literatura de cordel que mencionam o imaginário do preconceito racial contra o negro, pretendendo-se fazer uma análise crítica dos elementos preconceituosos presentes nos mesmos.

A pesquisa é realizada com base em pressupostos teórico-conceituais, uma vez que, recorreremos ao estudo de teorias que se relacionam com nosso objeto de estudo - o preconceito racial contra o negro.

## **1. Referencial teórico**

### **1.1. Cultura popular**

O termo cultura (erudita ou popular) é usado por muitos estudiosos para se referir não apenas a arte, a literatura e à música. Para o historiador inglês Peter Burke (1989) cultura refere-se a quase tudo que pode ser apreendido em uma sociedade. O italiano Carlo Ginzburg usa a palavra cultura no intuito de descrever crenças, atitudes e comportamentos próprios das classes sociais, destacando que foi de ocorrência relativamente tardia e surgiu do âmbito da Antropologia Cultural. Através de um movimento duplo reconhece-se como cultura tanto os fazeres de povos exóticos, quanto às práticas das classes subalternas dos povos civilizados (GINZBURG,1987).

Referindo-se agora especificamente à cultura popular, Michel de Certeau (1980), define esta como sendo aquela pertencente às pessoas comuns, que vai se construindo no cotidiano e nas atividades corriqueiras destas.

Normalmente quando se fala de cultura popular tende-se a imaginar uma cultura dominada, invadida e aniquilada pelas culturas envolvidas com as classes dominantes, isto ocorre porque as culturas nascem das relações sociais, e por isso seguirão o mesmo padrão destas, criando hierarquias, podendo surgir uma cultura dominante e outra dominada. Contudo,

falar de cultura “dominante” ou de cultura “dominada” é então falar de metáforas; na realidade o que existe são grupos sociais que estão em relação de dominação ou de subordinação uns com os outros (CUCHE, 1999, p. 145).

Ou seja, a cultura dominada não é essencialmente aquela que é alienada, mas sim aquela que em seu desenvolvimento não pode desconsiderar a cultura dita “dominante” estabelecendo

uma relação de dependência. A cultura dita popular seria, desta maneira, aquela que não se enquadra nas produções eruditas e não aquela que é inferior a esta.

## 1.2. A literatura de cordel

Dentre as diversas manifestações culturais podemos destacar a literatura de cordel. Tal tipo de literatura caracteriza-se no Brasil como forma de poesia popular em verso, tem suas origens relacionadas com os cordéis portugueses, onde este tipo de poesia escrita está intensamente ligado à tradição milenar de se contar histórias, servindo para registrar não só estórias e romances como também fatos históricos. Os folhetos ficavam expostos em barbantes e eram vendidos nas feiras e romarias. No nosso país este costume continuou, sendo apenas incorporado aos nossos hábitos, e fincou suas raízes principalmente na região nordeste, onde segundo Manuel Diégues Júnior :

No Nordeste [...], por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de cordel, da maneira como se tornou hoje em dia característica da própria fisionomia cultural da região. Fatores de formação social contribuíram para isso; a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bando de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de famílias deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumento do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular (JÚNIOR, 1986 apud GALVÃO, 2001, p.31).

Os folhetos são impressos em papel jornal e o número de páginas é sempre múltiplo de quatro. Geralmente as composições dos versos são escritas em sextilhas (ABCDBD), em décimas (ABBAACCDDC) e em setilhas (ABCBDDB) e abordam diversos temas que podem ser classificadas em romances e folhetos.

Um dos primeiros poetas a escrever romances em versos foi o paraibano Silviano Pirauá de Lima (1848-1913), todavia é conferido a Leandro Gomes de Barros (1865-1918) o início das impressões dos cordéis, onde ele não só imprimia as obras como também as escrevia. Leandro Gomes promoveu o aumento sistemático no número de tipografias, na variedade temática e nas maneiras de contar histórias.

O cordel consolidou-se no Brasil nas décadas de 30 a 50, foi nesta época que houve uma expansão e popularização deste tipo de literatura no país, tendo seu apogeu na década de

40. Tal expansão teve dentre outros motivos, a migração da população nordestina para outras regiões.

Na década de 60, contudo, a literatura de cordel sofre um declínio acarretado dentre outros fatores pela inflação nacional, pela televisão e pela auto censura da época. Contudo tal decadência não dura muito tempo, pois na década de 70 graças ao crescente interesse dos estudiosos e pesquisadores por tal gênero, há um aumento na produção. Atualmente os cordéis são comprados principalmente por estudantes, turistas e intelectuais que buscam revitalizar a literatura de cordel.

Dentre a variedade de temas encontrada nos folhetos, encontramos a temática do preconceito racial contra o negro, objeto deste estudo.

## **1.2. Raça e Etnia**

O estudo do imaginário do preconceito racial conecta-se com diversas teorias, abrangendo desde a questão da identidade, cultura, e principalmente a complexa relação entre raça e etnia.

Pode-se discutir o conceito de identidade como a relação da dinâmica cultural a qual pertence o indivíduo que se faz parte integrante de uma sociedade. Tomando a noção de identidade de Hall, este explica que:

não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional (HALL, 2006, p.59).

A cultura nacional influencia diretamente a identidade cultural dos sujeitos, dessa forma atua nos “valores” étnicos dos indivíduos.

A etnia esta relacionada ao âmbito cultural, assim pode-se dizer que um grupo étnico é uma comunidade humana definida por afinidades lingüísticas e culturais. Porém é válido ressaltar que:

a etnicidade não é um conjunto intemporal, imutável de ‘traços culturais’ (crenças, valores, símbolos, ritos, regras de conduta, língua, código de polidez, praticas de vestuário ou culinárias etc) transmitidos da mesma forma de geração para geração na história do grupo; ela provoca ações e reações entre este grupo e os outros em

uma organização social que não cessa de evoluir (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998, p.11).

A identidade nacional em torno da etnia e da raça sempre foi alvo de discussões, uma vez que o termo “raça” era definido apenas baseando-se por uma visão biológica, que considerava apenas as características físicas dos indivíduos. Atualmente, define-se o termo “raça” pelo âmbito cultural, a partir deste ponto de vista a raça é uma “categoria discursiva”(HALL, 2006), sendo de fundamental importância nos discursos sobre a identidade nacional. Veicula-se a identidade social do sujeito ao imaginário:

O modo como uma sociedade se vê, o que ela define como seus problemas, as relações que ela estabelece com o mundo e seu lugar nesse mundo tudo isso só é possível por que ela é capaz do imaginário (FREITAS, 1999, p.54).

É a partir do imaginário que o poeta de cordel retira do meio popular o conteúdo para o desenvolvimento de seus temas, incluindo a temática do racismo.

### **1.3. O preconceito racial contra o negro na visão do poeta popular**

O preconceito racial está enraizado no Brasil, desde a chegada dos europeus – no caso os portugueses – ao “Novo mundo”, onde encontrou-se “essa anti-humanidade coberta de pecados”(SCHWARCZ,2001, p.16)

Essa visão européia sobre o povo brasileiro perpetuava ainda no século XVIII, onde “O Brasil representaria uma espécie de transição entre a terra da escravidão e do pecado (localizados na África) e o céu: espaço de libertação por excelência” (SCHWARCZ,2001, p.17).

No século XIX, o Brasil passou a ser considerado “um laboratório racial” (SCHWARCZ,2001, p.22), visto que a população brasileira é formada a partir de três raças, branca, a negra e a vermelha. Contudo os negros e mestiços já eram vistos pelos brancos sob um olhar desigual.

Com o romantismo no século XIX, a figura do índio, passou a ser imaginada como ingênua e nobre, ao passo que o negro continuou a ser depreciado uma vez que seu passado era obscuro, sempre associado à escravidão.

Os folhetos escritos nessa época retratam a visão preconceituosa ao poeta popular em relação ao negro, que era colocado sempre em um patamar inferior, negando ao negro os seus direitos como cidadão.

A partir das últimas décadas do século XX, apesar do racismo ser uma prática muito freqüente, o poeta de cordel parece abrir espaço para olhar o mundo contemporâneo sob novas formas, há um aprisionamento do passado, na sua visibilidade, para dar lugar a uma forma de abordagem que encobre a violência do preconceito contra o negro.

## **2. Análise do *corpus***

A partir da análise de um *corpus*/amostragem constituído de 10 (dez) cordéis, com temas que abordam o preconceito racial, verificamos que este é retratado pelo poeta popular sob diferentes perspectivas.

Nos cordéis mais antigos o preconceito racial é explícito. O poeta popular deixa transparecer através dos seus versos, uma visão racista diante da figura do negro, que é ridicularizado e inferiorizado nos folhetos.

Podemos constatar esse tratamento dispensado ao negro nos versos abaixo.

Era uma negra feia  
banguela, só tinha um dente  
do cabelo arrepiado  
parecia uma serpente  
imitava ao Capeta  
além de feia e cambeta  
tinha um peito somente.

(O Encontro de Lampião com a Negra dum Peito Só. José Costa Leite, 1974)

Com a negra do bode preto  
O que topar, leva fim  
Sei que a negra é ruim  
Têm catinga de carborêto  
Leitores, cuidado nela!  
E amizade com ela  
Inda digo, ninguém queira  
Tenho medo de feiticeira  
Eu não quero saber dela.

**(A Negra Velha da Trouxa Montada num Bode Velho.** José Costa Leite, 1969/1970)

Mas o rei tinha uma negra  
que era mãe de feitiço  
se aparecia um rapaz  
para fazer um serviço  
a Negra se preparava  
para fazer o enguiço

**(A Vitória de Floriano e a Negra Feiticeira.** Manoel de Almeida)

Habitava no sertão  
um negro muito malvado  
malfeitor por primasia  
por Negrão intitulado  
que no lugar onde vivia  
a quem ele conhecia  
vivia sempre assustado

**(História do Negrão ou André Cascadura.** Luís da Costa Pinheiro)

O Barão sempre dizia  
não combino com mulher  
o negocio com escravo  
é como um animal qualquer  
compro com o meu dinheiro  
mato e faço o que quizer

**(História de Josafá e Mariêta nos Laços da Escravidão.** Manoel de Almeida Filho).

Há folhetos em que o racismo está presente de forma implícita, onde o termo “negro” é usado pelo poeta, com a finalidade de denotar uma característica negativa.

A negra morte assassina  
Com sua foice na mão  
Penetrou no Ceará  
Fazendo a destruição  
Nas vidas mais preciosas  
Da nobre população

**(Crime Bárbaro em Porangabussu.** Manoel d’Almeida Filho)

Alguns dos folhetos analisados retratam a situação atual do negro no Brasil, em que apesar do preconceito ser considerado por lei um crime inafiançável, o negro luta diariamente para ser incluído na sociedade e reconstituir sua identidade social.

O negro tem que aprender  
A agir, esta é a lição.  
Tem que exigir os seus direitos  
Fazer cumprir a legislação  
De que hoje está eleito,  
Não escravo, mas cidadão.

**(O Professor Branco e o Aluno Negro.** Valentim Martins Quaresma  
Neto e Francisco Ferreira Filho Diniz)

M-esmo num país mestiço  
O- branco dita a conduta  
N-ão esqueçam que aluta  
T-em que prosseguir por isso,  
E-nquanto houver preconceito  
I-mposição e motivos  
R-eclamaremos altivos  
O- nosso pleno DIREITO

**(A Revolta dos Pretos.** Manoel Monteiro)

O negro não foi embora  
Mas, luta diariamente  
Para ser reconhecido  
Como cidadão e gente  
E com ele nesse país  
Age hipocritamente!

Por isso, sua batalha  
É quase do mesmo jeito  
Buscando oportunidade  
Derrubando preconceito  
Dizendo o que tá errado  
E conquistando direito!

**(A Resistência Negra.** Varnecki Santos do Nascimento, 2006)

O negro é uma criatura  
Digna, sábia, preparada



Igual a qualquer humano  
Sendo a imagem criada  
Do nosso Deus, semelhante,  
Branco não seja arrogante  
Pois, cor não quer dizer nada.

Deus não gosta de racismo,  
Porque foge da razão  
E faz o negro sofrer  
Vítima de tanta agressão  
Branco, por Deus compreenda,  
E rapidamente aprenda:  
Já chega de divisão!

**(Branco Cuidado: Deus pode ser Negro.** Varnecki Santos do  
Nascimento, 2004)

A partir desses folhetos percebemos que houve gradativamente uma reeducação do poeta em relação ao preconceito racial.

### **3. Considerações finais**

Cidadania é um conceito histórico, sendo assim seu sentido pode ser contextualizado no tempo e no espaço, pois “ser cidadão é ter direito à vida, a liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei” (PINSKY, 2003, p. 9), o que foi negado ao negro, como se vê na literatura de cordel. Vítima de toda sorte de preconceito, por parte dos poetas, observa-se, principalmente, na fase inicial da publicação dos folhetos, um processo de reificação que colocava o negro sempre como um ser inferior.

A produção do poeta – o cordel – afeta as pessoas e, de modo especial, aqueles que representam as camadas populares mais humildes. Tudo isso, pois, pode contribuir para o desenvolvimento do preconceito, mesmo que suas manifestações aconteçam agora e mesmo que os poetas procurem minimizar a exclusão.

### **Referências**

- ALMEIDA, Manoel de. **A vitória de Floriano e a negra feiticeira**. Snt.  
BARTH, F. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1988.

BOSI, E. **Cultura de massa e cultura popular**: leituras de operárias. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CANTEL, R. **Exórdios e preâmbulos na literatura de cordel**. In: LIMA, A. A. et alli. *Miscelânea de estudos literários*. Rio de Janeiro: Pallas, 1984.

CASCUDO, Câmara. **Vaqueiros e cantadores**. São Paulo: Ediouro, S.D.

CHAUÍ, M. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1990.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1996. (original francês: 1980).

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. **Literatura popular em verso**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986.

FILHO, Manoel d'Almeida. **Crime bárbaro em Porangabussu**. Snt.

\_\_\_\_\_. **História de Josafá e Mariêta nos braços da escravidão**. Snt.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel**: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes - o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo, Cia. das Letras, 1987.

HALL, S. A. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEITE, José Costa. **A negra velha da trouxa montada no bode preto**. 1969/1970.

\_\_\_\_\_. **O encontro de Lampião com a negra dum peito só**. 1974.

MEYER, MARLYSE. **Autores de cordel**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

MONTEIRO, Manoel. **A revolta do pretos**. Snt.

\_\_\_\_\_. **A resistência negra**. Guarabira. 2006.

NASCIMENTO, Varnecki Santos do. **Branco cuidado**: Deus pode ser negro. Guarabira. 2004.

NETO, Valentim Martins Quaresma. **O professor branco e o aluno negro**. Snt.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. Seguido de PINSKY, J. (Org.) **História da cidadania**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

PINHEIRO, Luiz da Costa. **A história do negrão ou André Cascadura**. snt.

SCHWARCZ, L. M. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2001.

SODRÉ, M. **A verdade seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.